

# IMAGINE

Dáphine Xavier

2015

## APRESENTAÇÃO

Os contos apresentados neste portfólio são para a matéria de Escrita Criativa do segundo semestre do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina. As aulas de Escrita Criativa, do professor Márcio Markendorf, se baseavam na criação de contos semanais, a partir de um tema que seria estudado em sala de aula. Assim, esse portfólio tem a proposta de apresentar uma seleção dos contos feitos por cada aluno ao longo do semestre, juntamente a um roteiro de ficção científica alienígena.

Para mim, fazer o portfólio foi de incrível dificuldade. A criação de um conto semanal fez com que eu me deparasse com dificuldades e questões que nunca antes havia me perguntado, percebi que minha posição como leitora não condizia absolutamente nada quanto a minha condição como escritora e que o ato de escrever era muito mais difícil do que previa. Porém, essa dificuldade me fez perceber a importância da prática de escrita para poder construir narrativas e a importância da leitura para a formação de novos significados e compreensões de um texto. Minhas referências se basearam, principalmente, nos textos e contos apresentados em aula e meu modo criativo foi a partir de muita pesquisa e leitura, acompanhadas por uma grande xícara de café e força de vontade.

## SUMÁRIO

Bem-vindo à Pajaki.....	4
O legado.....	7
8423957.....	10
Consumida.....	12
Em processo de internacionalização.....	13
Amnésia.....	15
Angélica.....	17
Marta.....	19
Acho que é Matrix.....	20
Roteiro “O homem em Abstrato”.....	22

## **Bem-vindo à Pajaki**

Desliguei o rádio e apaguei o farol do carro. Fora uma viagem longa e eu estava cansado demais para continuar. Decidi parar em uma lanchonete e perguntar os detalhes do trajeto. Comprei um café e ouvi um pouco da história da região. Era interessante saber da colonização polonesa e do caráter familiar da cidade, pois afinal, estaria me mudando para lá. A cidade se chamava Pajaki, algum trocadilho polonês, e eu estava visitando-a pela primeira vez.

Sou negociante de móveis raros e recebi uma proposta de sociedade de um magnata alemão que, excêntrico como todo magnata, pediu que eu viesse morar na cidade para tocar o negócio. Nada que eu não faça por dinheiro, principalmente na quantia oferecida. Tomei o resto do café e segui meu caminho. Eram mais vinte minutos até o povoado em que eu residiria. Casarões antigos e pontes de pedras ficavam pelo caminho, dando um ar de vilarejo à cidade. Não era grande pelo que eu vi, mas seus prédios baixos e sólidos eram imponentes, o que contrabalanceava com o caminho tortuoso. Devo ter passado por cinco ou seis bifurcações antes de chegar a minha nova moradia.

Estacionei o carro e tirei minha única mala do bagageiro. Recém amanhecia, e o dia estava completamente nublado. Nenhum sinal do sol no horizonte, por mais que o clarão da aurora sinalizasse o alvorecer. A casa possuía um estilo germânico, com telhado vermelho e janelas largas. Abri com dificuldade a imensa porta de mogno e adentrei no ambiente, que possuía um cheiro forte de mofo e pó. As janelas semicerradas iluminavam pouco da sala sem móveis. Larguei minhas coisas e decidi dar uma caminhada pela vizinhança, a fim de relaxar um pouco as pernas e me ambientar à pequena cidade.

Saí então, pela estrada de pedra batida, que seguia em linha reta por entre as demais residências. As chaminés denunciavam o despertar de meus vizinhos, mas o silêncio ainda tomava conta de toda a região. Na verdade, a falta de sons chegava a incomodar. Era estranho que nenhum animal estivesse atrapalhando o sono dos atrasados. Nenhum pássaro cantava e cão algum latia. Talvez seja cedo demais.

Percebi que algumas cortinas balançavam no interior de algumas casas logo que eu passasse, mas é normal o olhar curioso em cidades pequenas. Nasci em uma cidade assim, e conhecia a estranheza que um forasteiro causava. Mais algumas quadras e outra dezena de bifurcações e chego ao centro da cidadezinha. Uma praça octogonal, com a igreja de um lado e a prefeitura do outro. Uma neblina densa me impede de ver além, porém consigo distinguir a mansão amarela de dois andares que é a residência de meu sócio. Uma placa de madeira ostenta em letras longas o nome de sua empresa: “Novelo de Lã Móveis Ltda.” Nome peculiar eu diria.

O silêncio que ainda assola o lugar me permite perceber o aparecimento de um som estranho. O ressoar de pequenos passos próximo a rua lateral. São vários, pelo que eu consigo distinguir. Talvez sejam crianças brincando, por mais que não imitam qualquer outro som. Percebo uma silhueta se movimentado na penumbra da igreja e outra na névoa ao lado da prefeitura. Ouço novamente os passos, agora mais numerosos. Pareciam sapatos, mas abafados e repetitivos. O silêncio de antes me pareceu mais incômodo do que era antes. Um sentimento de urgência vai tomando minha mente e decido que é hora de acordar meu excêntrico sócio alemão.

Pulo o portão baixo e corro até a porta da mansão. Bato três vezes e olho ao meu redor. A névoa parecia mais densa e o barulho de uma telha caindo me faz apressar a segunda leva de batidas. A porta abre e vejo meu sócio Schmitt em seu tradicional roupão bordô. Sua barriga protuberante força um botão, que por pouco não arrebenta. Ele sorri e me estende a mão gorda. Entro em sua casa e o sigo até o escritório. Seu bigode grosso e seus olhos pequenos me dão uma sensação familiar, algo que eu já vi antes mas não consigo lembrar.

— Como foi a viagem, sr. Latac? A paisagem lhe agradou?

— Foi calma. Mas tenho que lhe dizer que a atmosfera da cidade é um pouco inquietante.

— Inquietante? De que forma, meu jovem?

— É algo da arquitetura, eu acho. Um pouco claustrofóbica. Além disso, não vi ninguém desde que cheguei. Meus novos vizinhos são um pouco reclusos, pelo que vejo.

— Ah, não se importe com eles. Os moradores dessa cidade tem certa vergonha do que se tornaram. São mesquinhos e egoístas demais para viver em comunidade. Além disso, sabem que eu tenho preferência na caça.

— Preferência na caça? Como assim, Cal?

— Entenda, meu jovem, não é nada pessoal, mas nós precisamos nos alimentar sem levantar muita suspeita. Afinal, não queremos afastar os turistas. Além disso, preciso manter minha forma.

Assustado e um pouco incrédulo com as palavras do alemão, eu levanto de minha cadeira de um pulo. Percebo um brilho estranho no olhar de Schmitt. O cabelo loiro, que desde o início eu desconfiei ser uma peruca, começa a escorregar para a nuca, revelando outros dois pares de olhos. O bigode, que cobria sua boca inteira, como a de um leão marinho, agora mostrava duas pinças negras, de onde escorria um líquido viscoso. O corpo suntuoso de Schmitt se envergava em uma forma esquisita, enquanto seu roupão se abria, apresentando suas pernas finas e compridas. Caio para trás quando uma de suas patas me atingem no braço.

Não penso direito quando levando do chão e corro até a porta. Os dois minutos seguintes são os mais longos de minha vida. Sinto o cansaço ofegante apertando meu peito, mas o desespero não

me deixa parar. Pulo por cima do muro como um cão de caça e adentro na neblina que envolve a praça. Vejo outros vultos negros perto de mim e grito para eles correrem. O perigo é iminente para qualquer um. Mas por mais que sinta que devo alertá-los, não me arrisco a parar sequer por um segundo. Por isso, corro ainda mais, me esgueirando pela rua que leva até a minha casa.

A neblina havia tomado toda a cidade e a cada bifurcação eu entrava em desespero. Não sabia se eu estava no caminho certo, queria apenas sair dali. Mais uma bifurcação e depois mais outra. Não perco a esperança de logo chegar no meu carro e partir para nunca mais voltar. Alertaria a polícia ou a guarda nacional o quanto antes, mas primeiro precisava ir embora. Viro outra esquina e me dou de cara com a praça central. Olho ao redor e vejo outras sombras na neblina. Me sinto como uma mosca, presa forçada a cair em uma armadilha mortal.

Passos rápidos surgem atrás de mim e eu corro para o único lugar vazio, o centro da praça. Encurralado, percebo que minhas chances de escapar não existem mais, mas não desistirei de minha vida tão fácil. É bem provável que eu morra, mas levarei alguma dessas monstruosidades comigo.

O sangue escorre do meu braço e finalmente percebo a coloração verde do ferimento. Um formigamento sobe pelo meu ombro e meu corpo atinge um calor intenso, interno. Meu tronco arde em fogo quando sinto os galhos saindo do meu tórax e a visão embaça quando percebo meus olhos diminuírem. Pelos negros brotam dos meus braços e caio no chão quando meu corpo começa a se dividir. Grito com a dor e com o sofrimento de não ser mais humano. Logo me tornaria uma aberração como eles. A escuridão toma conta e tudo some ao meu redor.

Acordo em um quarto e minhas coisas estão desembalados ao lado da cama. Desnortado, levanto a coberta e percebo o corpo preto e peludo que agora é meu. Ponho-me de pé e vou até a sala. Pela janela semiaberta, vejo um carro chegando. Um casal turistando os vilarejos da região. Meus olhos brilham e a fome vibra meu estômago. Preciso me alimentar, mas sei que há uma preferência na caça e tenho que esperar a minha vez. Agora, querendo ou não, me tornei outro morador do povoado. Esta é minha casa agora.

## O legado

Aquele foi seu terceiro comício em um mês. Havia inspirado milhares de pessoas a votarem para sua reeleição como deputado. Havia se tornado um dos mais respeitados e influentes do país, o grande defensor da família tradicional brasileira e dos bons costumes. Depois de quarenta minutos de discurso, agradeceu os aplausos e os gritos de “já venceu”, desceu do palanque improvisado e foi para o seu quarto no segundo andar do hotel. Deixou seus assessores do lado de fora, e começou a se despir. Desatou a gravata e tirou seu paletó. A garganta seca implorava por um gim com tônica. Sua mulher e seus filhos chegariam à noite e teria este tempo para descansar.

Pegou o copo baixo e sentou em uma poltrona próxima. Sentado na sua frente, uma figura desconhecida lhe encara com interesse.

— Foi um belo discurso, deputado! — O homem, com o rosto confiante, estava elegantemente vestido e possuía uma pasta em suas mãos.

— Obrigado. Foi um pouco mais intenso do que eu planejei. Quem é você?

— Meu nome não importa no momento, deputado. Mas o que eu tenho dentro dessa pasta, sim. Imagine a minha surpresa ao descobrir que o homem mais influente do país, que poderia concorrer à presidência em alguns anos e que defende fervorosamente a família, teria segredos tão negros como os seus.

— Do que você está falando? — O deputado ri com desdém do visitante- Recebo este tipo de ameaça todos os dias. Você não é o primeiro, meu caro. — Pega o celular, para ligar para a segurança da campanha. — Vou chamar a os seguranças. Você tem dois minutos para sair do prédio, antes que vá preso.

— Eu não faria essa ligação se fosse você. Nem todos sabem que você já teve outra família, e que agredia sua mulher com bastante frequência.

Nesse momento, o deputado baixa o celular, e olha sério para o visitante.

— Quem é você?

— Não sou ninguém importante, deputado, eu já lhe disse isso. — E pondo-se de pé.- Mas tenho provas o suficiente desse escândalo para lhe deixar fora da política e ainda arruinar sua vida completamente. Mas é claro que podemos evitar isso, deputado, como cavalheiros.

— O que você quer, seu bosta?

— Eu quero que você renuncie do seu cargo publicamente, e peça desculpas para o povo, que você arruinou.

— O que? Você está louco? Você não tem nada contra mim — agora em um tom agressivo, pega o celular novamente. Discando rapidamente — Vou vai se arrepender pelas suas ameaças.

O jovem visitante derruba o celular da mão do deputado, e desfere um soco em sua boca. O sangue escorre pela bochecha enquanto o deputado cai por sobre a mesa de centro.

—Incrível como você não mudou absolutamente nada. Continua abusivo e um idiota completo. Não bastava bater na sua mulher toda a noite, ainda tinha que se aproveitar de seu único filho. — E chuta com força a barriga do deputado caído, que se arrasta em direção à porta — Bêbado como um porco! Seu filho de uma puta! — O visitante desfere outro chute, agora em sua bunda. — E depois fugiu como um covarde, deixando os dois na pobreza. A obrigando a se prostituir para comprar a comida do filho.

O deputado se arrasta até a cômoda do hall de entrada, de onde tira uma pistola e aponta para o visitante, que não esboça surpresa.

— O que você sabe sobre mim ou minha história? Você não é ninguém. Eu sou um deputado, tenho dinheiro e influência...

— Você é um merda. Só trouxe desgosto e angústia para aqueles ao seu redor. — O visitante se afasta aos poucos, indo em direção à sacada. — Você dá nojo. É ridículo em sua falsa moral.

— E quem é você para me dizer o que eu sou ou não. Eu bati naquela vadia por que ela sequer chupava direito. Naquele pirralho idiota por que me deu vontade. E os deixei por que não precisava de lixo pra me atrasar. Eu sou quem eu sou por que não me importo com essa gente.

— Quem eu sou? — O visitante abre a camisa e mostra cicatrizes em seu peito — Eu sou o que você me transformou. Com a ponta dos cigarros ou com seus punhos. E vou acabar com a sua farsa.

O visitante parte para cima do deputado que, assustado, dispara a pistola duas vezes. O cheiro de pólvora toma conta do lugar, enquanto o jovem cai no chão da sacada, puxando a cortina junto. Do lado de fora do prédio, milhares de pessoas apontam suas câmeras para o deputado, que, com arma em punho e o sangue de seu filho espalhado pela sua camisa, observa uma parte de seu legado se desmanchar. Na praça em frente ao hotel, o telão utilizado no comício apresenta apenas o rosto de um assassino: o seu.

## 8423957

Juiz:- Daremos início à seção chamando o Sr. nº 8423957 para se apresentar ao tribunal pela acusação gravíssima de ser livre.

Promotor:- Se me permite, Vossa Excelência. O acusado foi encontrado no dia 31 de fevereiro de 2022, às 16h e 13 minutos na Rua Castelo Branco, cometendo um ato de nível 9, considerado gravíssimo e de penalidade máxima: criando. Além de possuir um lápis e um papel sem autorização governamental, vários escritos, uma caixa de grafite e três latas de tinta foram encontrados em sua bolsa, o que infringe o Novo Código do Cidadão criado em 2016. Os escritos que foram apreendidos do Sr. nº 8423957 criticam e desrespeitam o cidadão de bem e o estado em todos seus setores. O réu foi detido em frente a Praça do Estado, sem tentar esconder seu ato, incentivando esse tipo de crime e servindo de péssimo exemplo a população que testemunhou o fato. Porém, o Código do Cidadão de 2016, apesar do grau da acusação que se procede, ainda permite o direito do indivíduo de se manifestar por sua defesa. Peço então, que prossiga.

8423957:- Esse tribunal, que praticamente me agrilha ao chão, está cheio de rostos sem expressões que me julgam pelo que sinto. Aqui eu percebo que nada tem o menor significado, que minhas palavras não diferem do silêncio e não informam, na verdade se quer elas existem, pois apenas reproduzem o que já foi dito por muitos. Meus escritos foram feitos em um pedaço de papel imundo, que obrigavam minhas letras a seguirem por linhas já determinadas, a assumirem formas que as foram impostas e precisando se adequar a uma linguagem correta, formal, regrada. Meus textos foram ordenados a seguirem o padrão desejado por outros, tendo que ser algo que os impeçam de ser qualquer outra coisa. Assim como eu. Se meu texto não foi livre, eu também não o fui. Vossa Excelência como posso ser acusado de tal injúria se meus próprios pensamentos e valores morais são aqueles que vieram da religião que fui inserido sem qualquer questionamento ou então na escola que frequentei sem ter qualquer poder para opinar sobre o que foi escolhido para minha própria formação? Como posso ser livre se meu poder de escolha é o que outros me permitem escolher? Meu aprendizado, minha imaginação, meus sentimentos foram ceifados. Vossa Excelência, eu reitero. Sou tudo, menos um ser livre. Antes morrer do que viver condenado à morte.

Juíz:- Assim sendo, condeno o Sr. nº 8423957 á morte e encerro a seção pedindo para que o

acompanhem até a cela, aonde permanecerá até segunda ordem. Prosseguindo então, daremos início a nova seção chamando a Sra. nº 6584712 acusada de ser vista praticando vandalismo em praça pública...

## Consumida

Cansada. sinto o peso dos anos em minhas costas família filhos emprego casa solidão agonia volto pra casa à noite carregando uma cesta de roupas que não tive tempo de costurar no trabalho meus filhos me culpam por não me verem muito meu marido não olha mais para mim cozinho o almoço do outro dia e o guardo na geladeira velha estou cansada comida falta para meus filhos eu já não me importo em comer deixo para eles meus ossos doem no caminho para a fábrica tenho que aguentar fujo em minha mente para suportar o dia meu rosto é velho enrugado manchado maltratado mãos machucadas pela agulha que perfura meu silêncio perfura minha alma mina minhas forças acordo cedo vejo a fábrica pela janela do quarto meu marido já partiu não o vejo mais vinte anos se passaram dois filhos e pobreza quinze horas de trabalho durmo pouco meus olhos ardem pela manhã não tenho óculos a escola e o aluguel consomem todo o dinheiro costuro roupas usadas para meus filhos meu menor chora à noite o maior não gosta de roupas usadas é o que tem não posso fazer mais não tenho forças vejo os outros comemorando é natal não haverá presentes em minha casa a neve cai varro o quintal já fui bonita desejada olho no espelho pequeno demais para mim não há beleza através dos meus olhos já não me enxergo mais não tenho óculos choro sozinha no quarto ninguém ouve cozinho o jantar hoje vi minha vizinha tão jovem bonita eu já fui bonita também inveja meus pés estão inchados não sinto o gosto da comida é tudo tão pesado me consome por dentro meus filhos reclamam do jantar é o que tem não posso fazer mais não quero fazer mais deito na cama choro de novo sinto frio não durmo sinto meu marido levantar e ir embora amanhece o calor do sol me acorda vejo uma nova manhã pela janela finjo que nada aconteceu preparo o café tem apenas café vou para a fábrica incontáveis peças incontáveis dias ninguém percebe estou triste finjo não estar finjo não existir tomo café respiro a fumaça cinza das fábricas me dá um peso na alma choro no caminho de volta dou boa noite aos meus filhos recebo um beijo durmo acordo não desejo acordar levanto não desejo levantar aperto no coração meus filhos não me veem mais vou para a fábrica acho que estou com depressão meus dedos doem sento na cama já não me sinto já não sinto apenas angústia sinto um peso em meu peito não respiro durmo acordo cedo preparo o almoço vou para a fábrica durmo acordo vou para a fábrica meus dedos doem não me vejo mais vou para a fábrica filhos marido não tenho mais vontade de acordar mas acordo vou para a fábrica emprego casa solidão agonia. Cansada.

### **Em processo de internação**

Não fume, não beba, não aborte, não leia isso, não veja aquilo, não faça sexo, não seja desse tipo, não pense, não respire.

Eu estava dentro do carro, sentada desconfortavelmente no banco na frente esperando minha mãe se esquivar das pilastras dessa garagem estreita. Hoje era meu primeiro dia. Decepção. Odiava frequentar esses lugares. Fui designada para uma instituição pública desta vez. Creio que meus pais tiveram consciência que não valia a pena pagar por uma instituição cara, já que eu não tornava compensador e nesse sentido, nem necessário. Ao que me convém, eu não era uma péssima filha, apenas tinha sonhos que eles teimavam em entender, eu queria virar a heroína dos incompreendidos para fugir e lutar contra toda a imposição que, para funções representativas, meus pais impunham sobre mim. Para eles isso era demais, uma família conservadora e convencional nunca entenderia. Decepção.

Então tive que voltar dos meus sonhos e encarar a verdade. Já havia passado tanto tempo nesses lugares e eles só serviam para aumentar minha revolta. Esse tipo de lugar, servia apenas para transformar as pessoas em robôs, para que respondessem sim e não quando lhes eram designado, para lhes ensinarem que pensar diferente é pensar errado e que assim, você é louco, um rebelde sem causa e é melhor se calar. Nesse lugar os prédios eram velhos, rachados e cheirando a urina. Os banheiros sempre sujos, a comida ruim e o pátio cheio de pessoas vagando pra lá e pra cá, por não terem uma quadra de esporte ou qualquer outra coisa para passarem o tempo. O problema das instituições públicas é que elas não recebem o dinheiro necessário para manter uma boa higienização e organização do lugar, talvez até recebessem, mas ninguém tinha como saber isso, porque novamente, sabíamos apenas o que nos era permitido saber.

Depois que passávamos por aquela porta gigantesca, éramos obrigados a ficar calados, pois diziam que isso era bom para a concentração. Apenas podíamos falar se era algo extremamente necessário e relacionado com o que estávamos aprendendo, se é que realmente aprendíamos alguma coisa, pois a tentativa de nos dar aula era tão ruim, que ficar calado olhando para o nada era a melhor opção de muitos. Nos obrigavam a aprender coisas que não nos explicavam o sentido, nos pediam ler tal livros, pra pensar em tal coisa, pra dizer tal coisa, pra ver tal coisa, pra odiar tal coisa,

pra gostar tal coisa, para ouvir tal coisa, para viver tal coisa.

Queriam nos tornar pessoas melhores nos dando todo o atendimento sistemático e especializado, explorar o nosso verdadeiro potencial, mas a verdade é que exploravam apenas o que queriam explorar e calavam dentro de nós o que haviam de calar. Se pudessem, nos acorrentariam e fariam tratamento de choque, nos transformariam em robôs, nos ensinariam a fazer apenas o que era mandado, sem questionar. O que, infelizmente, era a mais pura realidade.

Depois de algumas horas naquele lugar manipulador e preocupante chamado escola alguma coisa (que se refere ao nome de algum corrupto importante) minha mãe me buscava, e no dia seguinte novamente e no outro também, e no próximo e no próximo, tornando isso um hábito, me reeducando até chegar no ponto em que eu me torne uma pessoa normal de novo. Como deveria ser.

## **Annésia**

Sua testa está pingando, sua respiração ofegante. As costas doem. O lugar é um pouco escuro. Odiava acordar de susto. Levanta da cama, está em um beliche, o guarda vem trazer o café da manhã. Abre a cela. “Bom dia Alex”. O sanduíche está pronto junto com o copo de água. A camiseta branca fede a suor, sua cabeça dói e não vê a hora de poder sair tomar sol. Estava ficando gripado novamente, seu colega de cela estava doente, aquele maldito só servia para deixá-lo mal. Melhor voltar a descansar...

Alex acorda.

Estava no meio do nada. Seus sapatos estão embarrados, sua camisa branca está suja, não sabe se é sangue ou barro, sua cabeça dói e não se lembra muito bem em como foi parar ali. Tinha um carro próximo a uma floresta, a estrada de chão cheia de pedras o fazia tropeçar, o suor que pingava do seu rosto o fazia se coçar e se perguntar a quanto tempo estava andando. Não sabia porque aquele carro estava com as portas abertas e os faróis acesos, talvez o carro fosse dele, sentia certa familiaridade, mas não recordava. Pense. Pense. Mas não conseguia saber a última coisa que fez. Talvez tenha bebido demais, ou fumado demais, lembrava de já ter ficado desorientado assim antes.

O medo aos poucos ia tomando conta dele. Caramba Alex, aonde você está. Mas porra, estava extremamente escuro ali, era noite, talvez até muito tarde, não conseguia se localizar. As estrelas estavam bonitas, muito aparentes, ele devia estar muito longe da cidade para conseguir enxergar elas assim. Se aproximava do carro lentamente, seus passos eram muito pesados. Força, vai, anda. O carro parecia nunca chegar, e quando mais perto estava, mais rápido tentava ir, porém algo o fez parar. Subitamente um anão, sai do carro e corre em direção a floresta, gritando “Alex! Corra!”.

Alex correu. Não sabia exatamente para onde ir, nem quem era aquele anão ou sequer porque ele estava ali. Não conseguiu seguir o anão pois ele era muito rápido ou, provavelmente, Alex que simplesmente não conseguia correr direito por conta de seu estado. Não foi para floresta, pois não enxergava nada lá, correu pela estrada de chão até não poder mais. Estava exausto, mas

quando olhou para trás viu que devia ter corrido no máximo uns 100 metros. Barulhos de carros vinham atrás dele, mas não conseguia adivinhar a que distância. Tentou correr mais. Não conseguiu. Um barulho altíssimo rompeu com sua concentração. Uma explosão. O carro explodiu.

Alex acorda.

Testa suada, cabelo encharcado, os cobertores caíam ao lado da cama, dor de cabeça. Odiava acordar de susto. Levantou, hoje seria um longo dia.

## Angélica

Demorou alguns segundos para se levantar da cama. Esperou diminuir a euforia do pesadelo. Morena, olhos pretos, apareceu novamente em seu sonhos. O frio do chão tocou seus pés e a luminosidade esbranquiçada do dia apareceu por de trás das cortinas. Seis e cinco da manhã. Colchão molhado. O lençol, que uma vez fora branco, carregava consigo várias manchas amareladas. Caminhou para o banheiro. Pés descalços. Navalha na mão. Nenhuma gota de sangue. Fez sua barba calma e cuidadosamente. Olhos castanhos refletidos no espelho, sobrancelhas grossas e modeladas, cabelo escuro e bem cuidado. Por cima da camisa branca meticulosamente passada, junto à gravata borboleta, colocou seu paletó cinza de abotoamento duplo e lavou suas mãos. O jornal estava na frente da sua porta. Há um ano Jonh Lennon havia morrido. Baleado. Consideravam sua música de qualidade, mas nunca a ouvira. Vez ou outra ligava sua vitrola, prestava atenção na delicadeza da agulha ao passar pelos sulcos de um vinil qualquer e logo desligava. Seu pai ouvia clássicos. Ele não.

Entrou em seu escritório ao lado da sala de estar e prestou atenção em sua máquina de escrever. Havia pó nos botões. Sentou-se. Precisava de inspiração, há tempo não conseguia criar algo novo. Procurava por um evento inédito. Um assassinato atípico. Mas afinal, todos eles eram. Deveria ser algo simples. Passou a mão pelo peito. Não. Um tiro é simples demais. Kala, sua vítima preferida, devido à pressão psicológica que sofrera, suicidou-se em meio a um mar de lama e o lucro por aquele personagem foi grande, mas o prestígio ainda maior. Tentou, em vão, rever alguns de seus esboços antigos, assistiu fitas de VHS's, releu livros, criou personagens, mas nada o auxiliava. Contudo, sabia que tinha algo em sua mente, esperando para ser explorado. Não gostava de admitir, mas assim como todas as outras vezes, sabia que não havia outro modo. Rebobinou suas fitas, fechou os livros, engavetou os esboços.

Na sua agenda telefônica, procurou o número de Angélica, há algum tempo já não a via. O discador de seu telefone branco estava travado, girou várias vezes até conseguir discar o número correto. Ela chegaria as dez, 800 cruzeiros a hora. Preparou uma dose de Vermouth, pegou sua navalha e a deixou na gaveta do criado-mudo.

Ela o conhecia bem. Suas mãos sabiam muito bem aonde ir. Ele a pegava por trás, em cima da cama, escorados da parede, em meio a suor, prazer e gemidos ofegantes. Ele sabia que havia pego a garota certa. Quando estava em seu auge, o gozo expelindo para fora de seu corpo, pegou a navalha na gaveta do criado-mudo e passou pelo pescoço de Angélica. Nenhum grito. O corpo dela cai na cama, seus olhos continuam abertos. Respirando fundo, jogou a navalha no chão, pegou sua Polaroid e tirou uma foto de sua heroína. Pendurou no mural, aonde já havia pendurado várias fotos de mulheres antes. Foi até sua máquina de escrever e começou a digitar.

## Marta

O verão é a pior estação do ano para mim. O calor é opressor e a umidade adere a pele. Mas o pior de tudo é que o pé esquerdo do meu irmão começa a coçar mas eu não o alcanço. Peço para que ele o faça, mas meu irmão pouco entende. Creio que sou a parte inteligente da família. Quando perguntei para minha mãe o porquê, ela disse que fiquei com a maior parte do cérebro e Moisés teria uma capacidade diminuída. Mamãe disse que foi o desejo de Deus, mas eu não me importaria em diminuir um pouco da minha inteligência pra dividir com Moisés, ao menos teria alguém para conversar.

O porão em que a gente vive é escuro e fica bem úmido nessa época do ano. Os poucos livros que mamãe me trouxe ficam frágeis e fico com medo de estragar. O meu preferido é a Bíblia. São tantas histórias legais, que passo os dias relendo. Mas semana passada ela trouxe outros e no meio deles teve um que me deixou intrigado. É o primeiro que não se parece tanto com a Bíblia. Tive medo de lê-lo. Não sei de onde mamãe o tirou. O livro é de um tal Platão e conta a história de pessoas presas em uma caverna, mas que tem medo de se libertar. Eu as entendo, eu acho. Eu tenho medo de sair do porão, mas é diferente. Aquelas pessoas não eram monstros que como eu. E não tenho certeza quanto as coisas que existem, tenho medo de machucar meu irmão na escada, mamãe nunca nos deixou subir pois é muito perigoso lá fora. Entende porque não posso ir com você Joana?”

Joana ouviu a história com atenção. Ficou surpresa ao perceber que aquela mulher tão simpática que lhe dava biscoitos com leite quando a recebia em sua casa, escondia seus filhos ali em baixo só porque eram um pouco grudados. De repente ouve um barulho. A porta se fecha. Quando olha para cima, a Dona Marta está no topo da escada olhando para Joana. Ela desce devagar e vai ao encontro à Joana, que se encolheu perto dos garotos.

“Como se atreve?” Dona Marta dá um tapa na cara de Joana. Pega a menina e a joga no canto do porão, prendendo-a com uma corrente que estava ali. “Você nunca mais irá sair daqui!”. Dona Marta sobe as escadas e fecha a porta do porão.

“Bem que você avisou que é escuro aqui em baixo.” Joana fica chorando no ecoar da porta no vazio.

## **Acho que é Matrix**

Chamava-se Brian o homem que lavou a xícara duas vezes antes de servir seu café. Algumas pessoas do trabalho achavam que ele era extremamente solitário e por isso era tão estranho, outros pensavam que ele tinha algum distúrbio psicológico e preferiam ficar distantes, mas Zoey apenas acreditava que ele era um homem peculiar e que possuía certo nível de inteligência, o suficiente para se sentir atraída. E de fato, todos estavam certos, pois Brian era solitário, apesar de não ao extremo, Brian sofria de distúrbios psicológicos, apesar de não saber e Brian tinha certo nível de inteligência, apesar de ocultar que era muito mais capaz do que suas ações cotidianas previam.

Brian gostava de cinema, ia a locadora três vezes por semana. Seus alimentos preferidos eram maçã, pipoca amanteigada e amendoim. Zoey era sua colega de trabalho, faziam incríveis cartões de felicitações, ela era sua companheira em olhar filmes e acreditava fazer uma boa ação estando ali. Ele era um homem peculiar, as vezes confundia o sabonete com uma rã e saía do banheiro assustado e esquecia o controle remoto dentro da geladeira. As vezes se sentia como o próprio Gordan-Levitt em “O Vigia”. Suas mãos sempre estavam úmidas de suor, no trabalho, tinha uma toalhinha separada para ele, caso começasse a molhar os papeis.

Os filmes eram seu refúgio, ele passava seus dias viajando no tempo, as vezes se encontrava em 2044 as vezes em 1980, sonhava com uma máquina que pudesse transportá-lo para o sonhos de outras pessoas, de vez em quando se sentia envolto em um mundo preto e branco, em outras estava num mundo com super poderes. E o problema acabou se tornando esse, ele viajava e sonhava demais. Quando estava no trabalho, volta e meia esquecia-se de fazer seus cartões, muitas vezes não cuidava de sua aparência, as pessoas o olhavam estranho. Isso o deixava um pouco transtornado, muitas vezes não sabia ao certo o que era sonho ou realidade, se estava imaginando ou se realmente havia acontecido. Os filmes entravam em sua mente como uma praga, frequentemente achava que estava enlouquecendo, como se estivesse atravessando uma corda bamba em um caminho entre a loucura e a lucidez.

O emprego o deixava chateado, não se sentia a vontade, as vezes só queria ser quem era, as vezes só queria ficar quieto fingindo que não conhecia ninguém. Não sabia se tinha tirado o xerox daquele papel, não sabia se tinha falado com Zoey hoje, não lembrava por que chegara atrasado,

não lembrava porque estava naquele emprego. Será que ele era só um personagem de algum filme, ou alguém inventado pela mente de outra pessoa? Será que vivia em Matrix, será que a realidade estava só em sua cabeça? Lavou a xícara três vezes nesse dia por causa do veneno. Era cicuta ou outro filme de Christopher Nolan? Não sabia. Hoje provavelmente seria mais um dia qualquer.

"O HOMEM EM ABSTRATO"

Um roteiro  
de  
Dáphine Xavier

CENA 1 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

JOHAN, homem moreno de aproximadamente 20 anos de idade, vestindo uma camiseta branca e uma calça jeans velha, está no meio da floresta. Ofegante e desorientado, fica olhando para os lados sem saber para onde ir. Ouve alguns barulhos que chamam sua atenção, olha para o lado esquerdo.

CENA 2 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Mulher de 30 anos, ruiva e vestindo um vestido verde, está dando uma machadada e decapitando outra mulher mais jovem, em torno dos 18 anos, que está com a cabeça escorada em um toco de árvore.

CENA 3 - EXT. - FLORESTA/LAGO - FIM DE TARDE

Mulher morena, jovem, está em um lago no meio da floresta. Ela emerge no meio do lado como se estivesse muito tempo mergulhando e precisa retomar seu fôlego, está assustada e grita, pois não sabe como fora parar ali.

CENA 4 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

JOHAN está correndo pela floresta, constantemente olhando para trás e então ouve um barulho agudo ensurdecedor. Coloca as mãos na cabeça tapando seus ouvidos, tomba de joelhos no chão e cai de lado, geme de dor, se contorce até o barulho parar. Três pessoas correndo rapidamente passam por ele. JOHAN olha para eles, ainda tapando os ouvidos. Sem forças para se levantar, fica olhando para os lados, a procura de algo. Luzes passam pelo céu. Ele se levanta lentamente e começa a correr.

CENA 5 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE/NOITE

JOHAN corre ao longo da floresta, mas começa a caminhar rapidamente pois aparenta estar cansado e a continuar perdido. Olha para os lados. Visualiza uma criança chorando embaixo de uma

árvore, hesita por alguns segundos, mas logo continua a caminhar. Depois de caminhar um trecho pela floresta, ouvindo barulhos de passos e movimentações pelas árvores, começa a ouvir um ruído grave que vai se misturando com um som metálico. Ouve gritos de homens e mulheres.

Subitamente, a floresta começa a escurecer. Gradualmente vai ficando mais escura até entrar em um breu total, como se estivesse numa

SALA totalmente escura. O personagem olha para frente assutado, olhos arregalados, respiração profunda. Barulhos de passos começam a surgir, ouve vozes na sua frente e por trás, as vozes falam coisas incompreendíveis, ouve suspiros. Ele permanece imóvel, e os barulhos vão se aproximando cada vez mais do personagem. Quando os passos finalmente chegam até ele, JOHAN se vê de frente com seu clone.

O clone se transforma num Alien rapidamente e volta a ser o clone novamente. JOHAN, apavorado, coloca a mão na cabeça, tapa os olhos e quando abre os olhos novamente está de volta na

CENA 6 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

FLORESTA. Ela está silenciosa, nenhum barulho se quer.

A floresta está mais clara que antes, em tons de branco. JOHAN olha para aos lados devagarinho e de repente escuta um barulho de machado.

CENA 7 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Como na cena 2, a mulher ruiva mata a jovem novamente. JOHAN se assusta e gradualmente a floresta vai ficando escura novamente. Os barulhos de movimentação na floresta e sons metálicos também retornam. Enquanto isso JOHAN corre. Quanto mais escuro a floresta, mais rápido ele corre e mais assustado aparenta estar. As luzes aparecem novamente. Cerca de quinze pessoas correm, também apavoradas e gritando e passam por ele. Desnorteado no meio das pessoas, ele cai no chão e começa a ter flashbacks do passado.  
COMEÇO DA SEQUÊNCIA DE FLASHBACKS:

CENA 1 - EXT. - RIO - DIA

JOHAN está pescando, está sem camisa, usa um calção e um boné azul.

CENA 2 - EXT. - FACHADA DE RESTAURANTE - NOITE

JOHAN está abanando para alguém e entrando no restaurante. Usa uma calça jeans, uma camisa preta social e um paletó.

CENA 3 - EXT. - PRAÇA - DIA

JOSEPH está lendo um livro sentado em um banco em uma praça. Veste uma camiseta cinza e calça jeans.

CENA 4 - INT. - CORREDOR - NOITE

JOHAN está sentado no chão do corredor de sua casa chorando, com o rosto entre as mãos.

CENA 5 - EXT. - RIO - DIA

JOHAN está pescando, mas agora vestido de calça jeans, camisa preta social e paletó, como na cena 2 e abana para alguém atrás de si.

CENA 6 - EXT. - PRAÇA - DIA

JOHAN está na praça sentado no banco chorando com um livro na mão.

CENA 7 -INT. - FACHADA DE RESTAURANTE - NOITE

JOHAN está sem camisa e com boné azul, com a mão direita pega uma vara de pescar, com a esquerda um livro e olha para frente bem sério.

FIM DA SEQUÊNCIA DE FLASHBACKS

CENA 7 - EXT. - FLORESTA - FINAL DE TARDE

JOHAN ainda está caído no chão. Aparenta estar assustado. Em sua frente há um Lobo Guará. Atrás do Lobo Guará está um alienígena, um ser com forma humana, mas totalmente preto, sem formas no rosto, ou seja, sem olhos, nariz, boca, orelhas. Seu corpo era

totalmente liso.

SEQUÊNCIA DO PONTO DE VISTA DO LOBO GUARÁ:

CENA 1 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Do ponto de vista do Lobo Guará, ele sai correndo pela floresta.

CENA 2 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Do ponto de vista do LOBO GUARÁ, ele sai correndo por outra parte da floresta, aonde várias pessoas correm também, ele ouve sons de gritos e sons metálicos.

CENA 3 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Do ponto de vista do LOBO GUARÁ, o LOBO olha para JOHAN caído no chão.

FIM DA SEQUÊNCIA DO PONTO DE VISTA DO LOBO GUARÁ

CENA 8 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE - Sobreposição de imagem.  
JOHAN e LOBO GUARÁ se fundem em um só.

CENA 9 - EXT. - FLORESTA/LAGO - FIM DA TARDE

JOHAN emerge no meio do lago como se estivesse muito tempo mergulhando e precisa retomar seu folego, está assustado, assim como a cena 3.

CENA 10 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

Mulher ruiva que está vestindo um vestido verde, como na cena 2, está dando uma machadada e decapitando JOHAN, que está com a cabeça escorada em um toco de árvore.

CENA 11 - EXT. - FLORESTA - FIM DE TARDE

JOHAN corre assustado e muito rápido pela floresta.

CENA 12 - EXT. - FLORESTA/SALA PRETA - FIM DE TARDE

SALA PRETA

JOHAN olhando para os lados e correndo.

FLORESTA

JOHAN olhando para os lados e correndo. Quando para. Está de frente para o Alienígena.

SALA PRETA

JOHAN está de frente para o Alienígena. JOHAN começa a chorar.

FLORESTA

JOHAN está chorando. Começa a se desesperar e a chorar mais forte.

SALA PRETA

JOHAN está chorando desesperadamente.

FLORESTA

JOHAN chorando desesperadamente.

CENA 13 - INT. - SALA BRANCA

JOHAN fica surpreso. Se levanta do chão, ainda chorando e olha para frente. Há um espelho em sua direção. Para de chorar subitamente assim que vê que seu reflexo no espelho é de um Alienígena.

FIM.